

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Rapaz, Virgílio José, 1942-

Recensão de Marx XXIe siècle : textes commentés

<http://hdl.handle.net/11067/5377>

Metadados

Data de Publicação	2013
Palavras Chave	Economia Marxista, Corcuff, Philippe, 1960 - Crítica e interpretação
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCEE] LEE, n. 17 (2013)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-20T11:29:31Z com informação proveniente do Repositório

“MARX XXI SIÈCLE. TEXTES COMMENTÉS”
PHILIPPE CORCUFF (2012)

Virgílio Rapaz
Universidade Lusíada de Lisboa

CORCUFF, Philippe (2012) – Marx XXI Siècle. Textes Commentés, Paris, Éditions Textuel

A continuada crise económica tem tido efeitos expansionistas na edição de textos respeitantes à recuperação das análises de Marx sobre o funcionamento do sistema capitalista e à sua prevista auto-destruição. Se as suas falhadas antecipações sobre a próxima concretização do socialismo (1) o tornaram num “socialista utópico”, indo engrossar as fileiras dos autores que tanto criticou, renasce a esperança, nos meios marxistas, de que, finalmente, a profecia se concretize.

.....

“Marx XXI siècle. Textes Commentés” declara expressamente que não busca um ortodoxo regresso dogmático, sem ter em conta os fracassos passados. Alerta mesmo para os perigos de uma defesa de Marx, acrítica em relação a contribuições posteriores e ignorante das novas realidades. Mas, ao mesmo tempo, porfia num esforço para distinguir o que Marx realmente escreveu e as deturpações oriundas de múltiplas “igrejas”. Recorda, aliás, em exergo da Introdução, conhecido propósito de Marx: “Moi, je ne suis pas marxiste” (Pg. 7). E não hesita em afirmar que se propõe “réfléchir à partir de Marx, avec Marx, à côté de Marx, au-delà de Marx et contre Marx” (Pg. 13).

Neste contexto, Corcuff sublinha, repetidamente e com vivacidade, a oposição entre o pensamento “marxien” e “marxiste”, aquele reproduzindo fielmente as palavras de Marx (às vezes, com Engels), este rotulando as ideias de autores que se dizem inspirados por Marx (2). Na ausência de termo correspondente em língua portuguesa (Academia das Ciências de Lisboa, 2001), manteremos, nesta recensão, o primeiro vocábulo no original (3).

O Autor adere à orientação metodológica de Dardot e Laval (2012): “Questionner Marx pour en hériter de façon créatrice, ce n’est pas sélectionner le Marx qui nous agrée” (Pg. 11), mas antes ser sensível à sua heterogeneidade e tensões, em vez de impor apriorísticas coerências forçadas. Corcuff sublinha que a sua selecção dos textos de Marx, imediatamente comentados, não visa

a exaustão, antes constitui um convite para se ler directamente os escritos de Marx, para se explorar o seu pensamento a partir das questões do presente, sem pretender uma apologia marxista ou uma difamação anti-marxista (4).

Corcuff, ex-“marxista”, hoje “marxien”, visa disponibilizar uma edição popular de uma escolha dos textos de Marx, sem sacrifício, porém, de preocupações de investigação científica. Após a “Introdução”, consagrada à “Actualidade de um Marx herético na tormenta capitalista”, o corpo da obra divide-se em seis partes, versando sucessivamente sobre “Capitalismo, questão social e lutas de classes”, “Do indivíduo ferido ao “homem total””, “A vida, as tentações produtivistas e a questão ecológica”, “Estado, questão democrática e política de emancipação”, “Desbravamentos: a ideologia, a história e a prática” e “Questões metodológicas”, cada uma delas exploradas ao longo de várias secções, sempre coroadas por uma “Conclusão”.

Esta enumeração, apropriada ao respectivo conteúdo, confirma que Corcuff, confesso sociólogo, está bem mais direccionado para temas relevantes da sua orientação intelectual, o que, porventura, limitará o interesse do leitor com preocupações mais fundadas na área da Economia.

Com efeito, os textos comentados raramente respeitam ao pensamento económico de Marx, quer estritamente “marxien”, quer mesmo “marxiste”. Os economistas não encontrarão eco das críticas benevolentes de Robinson (1942) sobre a necessidade de completar a análise de Marx com a abordagem de Keynes ou, mais nuclearmente, da anterior oposição de Böhm-Bawerk ao edifício de “O Capital”, primeiro a um nível mais genérico da invalidade da teoria da exploração (1884), depois, de maneira demolidora, ao demonstrar a incoerência teórica da transformação dos valores em preços de produção (1896) (5).

Acresce que as escolhas efectivas evitam mencionar a organização futura da sociedade socialista, em linha com a escassa atenção conferida ao tema pelo Autor comentado. Qualquer esperança de que o “marxien” Corcuff tivesse descortinado algo que fora descurado não se concretiza. Continuará a ser válido o comentário de Robinson (1968), com remissão para Kalecki, a propósito de Marx e da economia do socialismo: “it was not his business to write science fiction” (Pg. 60).

As referências a economistas são raras e nem sempre isentas de crítica. Assim, baptiza Smith e Ricardo de “prophètes du XVIIIe. siècle” (Pg. 66), o que é dificilmente aceitável no caso do luso-descendente. A sua obra principal é de 1817 e não consta que algo de importante tenha publicado antes de 1810 (“The High Price of Bullion: A Proof of the Depreciation of Bank Notes”): a explicação residirá na data que Corcuff atribui ao seu nascimento, 1722 em vez de 1772 (o que lhe daria uma longevidade de 101 anos...).

Estas limitações da obra não devem obscurecer o mérito de ostentar uma expressiva riqueza informativa sobre a identificação e localização dos textos de Marx e de marxistas de diferentes quadrantes, nomeadamente em ficheiros informáticos: seguramente, este livro constitui uma boa porta de acesso para o

estudioso mais interessado (“marxólogo?”)

E quanto ao pendor sociológico do livro, pode-se concluir, em defesa da relevância para a sua profissão, que o Economista não deve, sob pena de não alcançar um adequado conhecimento económico, limitar-se a aprofundar os estritos aspectos da sua disciplina. Aliás, no caso de Marx, talvez até com maior pertinência: não foi Schumpeter (1942) que observou que Marx sociólogo era bem superior a Marx economista?

NOTAS

(1) Rapaz (2010) documenta a reiterada débil capacidade previsionial de Marx neste domínio.

(2) Note-se o paralelo com a controversa catalogação dos influenciados por Keynes.

(3) Robinson (1942) recorre a “marxian” para intitular o ensaio consagrado ao estudo da construção de Marx (curiosamente, na versão portuguesa, publicada na outra margem do Atlântico, “marxian” foi traduzido por “marxista”). Blaugh (1997, Pg. 215 e seguintes) recorre também a “marxian economics”. A tradição de Oxford faz remontar o vocábulo a 1896, embora identificando-o com “marxist” (Little, 1970). Entre os economistas e sociólogos, regista-se um crescente uso do termo “marxian” (ou equivalente noutras línguas, mesmo sem chancela oficial), para o associar aos trabalhos dos analistas de Marx, que não partilham as suas ideias políticas, militantes, revolucionárias: os cultores destas são os “marxistas”.

(4) Nesta categoria, poderá ser incluído Maris (2010), autor de obra com título ostensivamente religioso e provocatório, cuja primeira frase é um portento de duplo sentido “Il était temps d’achever Le Capital” (Pg. 11).

(5) Recorde-se: contradição entre a taxa de lucro e os preços de produção no Volume III com a teoria do valor trabalho no Volume I. Blaugh (1997, Pg. 219) descreve a questão sob o título “the transformation problem”. Maris (2012, Pg. 27) menciona-a, para a afastar, como pouco interessante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (2001), Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea, Lisboa, Verbo.

BLAUGH, Mark (1997), *Economic Theory in Retrospect*, 5ª. Edição, Cambridge, Cambridge University Press.

BÖHM-BAWERK, Eugen (1884), *Kapital und Kapitalzins*, Jena, G. Fischer.

BÖHM-BAWERK, Eugen (1896), *Zum Abschluss des Marxschen Systems*, Berlim, Verlag Andreas Achenbach.

DARDOT, Pierre e Christian LAVAL (2012), *Marx*, prénom: Karl, Paris, Gallimard.

- LITTLE, William e outros (1970), *The Oxford Universal Dictionary Illustrated*, Oxford, Clarendon Press.
- MARIS, Bernard (2010), *Marx, Ô Marx, pourquoi m'as-tu abandonné?*, Paris, Éditions LES ÉCHAPÉS.
- RAPAZ, Virgílio (2010), *Pierre-Joseph Proudhon: bicentenário esquecido (1809-1865)*, *Economia & Empresa*, n.º 10.
- ROBINSON, Joan (1942), *An Essay on Marxian Economics*, Londres, Mac Millan. Versão portuguesa *Ensaio sobre economia marxista*, 1960, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura.
- ROBINSON, Joan (1968), *Economic versus political economy*, *Indian Economic Review*, Abril.
- SCHUMPETER, Joseph (1942), *Capitalism, Socialism and Democracy*, Nova Iorque, Harper.